

ATLAS SOCIOAMBIENTAL TERRA INDÍGENA TE'YIKUE

MMA/FNMA - UCDB/NEPPI

ATLAS SOCIOAMBIENTAL TERRA INDÍGENA TE'YIKUE

Realização:



Apoio:



**Cartilha produzida pelo projeto “Plano de Gestão Ambiental na Área Indígena de Caarapó”
Convênio MMA/FNMA 062/2003 com a Universidade Católica Dom Bosco-UCDB.**

República Federativa do Brasil
Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva
Ministério do Meio Ambiente
Ministro: Carlos Minc Baumfeld
Secretaria Executiva
Secretária: Izabella Mônica Vieira Teixeira
Fundo Nacional do Meio Ambiente
Diretor: Fabrício Amilvívia Barreto

UCDB - Universidade Católica Dom Bosco
Reitor: Pe. José Marinoni
NEPPI - Núcleo de Estudos e Pesquisas das Populações Indígenas
Programa Kaiowá / Guaraní

Equipe Técnica do Programa Kaiowá/Guarani:
Coordenador: Antônio Jacó Brand
Antônio José Teodoro
Eva Maria Luiz Ferreira
Leandro Skowronski
Suzi Maggi Kras
Rosa Sebastiana Colman
Cartografia: Celso Rubens Smaniotto
Design Gráfico: José Francisco Sarmiento Nogueira

Professores Indígenas e não indígenas da Aldeia Te'yikue:
Anari Felipe Nantes
Elisabete Fernandes
Eliel Benites
Lídio Cavanha Ramires
Otoniel Ricardo
Graciano Ramos
Romero Martins
Valdinei Mendonça
Orlando Juca da Silva
Avelino Ramires

**Atlas socioambiental terra indígena Te'yikue / organização Celso Rubens Smaniotto,
Lídio Cavanha Ramires, Leandro Skowronski. - Campo Grande : UCDB, 2009.
31 p. : il.**

**1. Escolas indígenas 2. Reservas indígenas – Caarapó, MS 3. Índios Guaraní
I. Smaniotto, Celso Rubens II. Ramires, Lídio Cavanha III. Skowronski, Leandro.**

APRESENTAÇÃO

O Atlas é fruto de um processo participativo, que envolveu, ativamente, nós professores, alunos, lideranças e outros moradores da Aldeia Te'yikue e contou com a participação de professores e pesquisadores da Universidade Católica Dom Bosco-UCDB, vinculados ao Programa Kaiowá/Guarani e ao Núcleo de Estudos e Pesquisas de Populações Indígenas-NEPPI. A proposta e o desenvolvimento das temáticas é resultado de uma construção coletiva. Contou com o apoio do Fundo Nacional do Meio Ambiente-FNMA, vinculado ao Ministério do Meio Ambiente, por meio dos recursos financeiros provenientes do Projeto *“Plano de Gestão Ambiental na Área Indígena de Caarapó”*.

O Atlas Socioambiental da Terra Indígena Te'yikue foi produzido com o objetivo de ser um instrumento de apoio ao trabalho desenvolvido nas nossas escolas indígenas e de subsídio à nossa comunidade indígena nas reflexões acerca do território e sua gestão ambiental. Procuramos estudar o espaço físico, legalmente delimitado como terra indígena e ocupado por nós Guarani e Kaiowá, abrangendo aspectos históricos e socioambientais que, ao final, foram expressos neste Atlas composto de mapas, textos e outras ilustrações. Os mapas têm por objetivo representar a localização, abrangência e a distribuição das ocorrências na superfície física. Textos e ilustrações complementam os dados mapeados.

INTRODUÇÃO

Atlas é um conjunto de mapas, com textos e ilustrações, que procuram representar a superfície terrestre como estivesse sendo vista de cima, dando a visão da distribuição espacial da sua ocupação e ou uso. O Atlas Socioambiental da nossa Aldeia Indígena Te'yikue abrange dois grandes temas: a comunidade kaiowá e guarani e o lugar onde vivemos - e busca tornar visível as transformações verificadas nas nossas relações com o meio ambiente em que vivemos.

Sabe-se que os diferentes elementos que compõem a natureza são interdependentes. Os seres humanos, as plantas, animais, o solo, o vento, a água, o sol, a lua, o ar, enfim, todos dependem uns dos outros para existir. Nós, Kaiowá e Guaraní tradicionalmente sabíamos da interdependência entre os elementos na natureza. Não separávamos o mundo natural, o espiritual e o social. Nossos costumes respeitam essas relações. Rituais, rezas e cantos, que acompanhavam a coleta, a caçada e o plantio, confirmam isso. Não plantávamos sempre no mesmo lugar e sabíamos os locais adequados para cada tipo de planta. Não deixávamos esgotar o solo, mantendo-o sempre em condições de ser utilizado em novo plantio.

Muita coisa mudou em consequência, especialmente, do confinamento, imposto pela colonização. Nossos espaços foram sendo ocupados e atualmente estamos confinados em áreas muito pequenas para atender as necessidades de subsistência de uma população indígena que cresce continuamente. Nossas matas e animais quase desapareceram e o solo e a água se tornaram empobrecidos e poluídos. Nesse ambiente, a produção agrícola vem diminuindo, a fome aumenta e é cada vez mais difícil manter nossos saberes tradicionais. Estes problemas trazem grandes preocupações a todos nós, lideranças, professores e moradores.

Como ampliar as nossas terras demarcadas e como recuperar e reconstruir os nossos espaços atualmente ocupados certamente, dois grandes problemas a serem enfrentados. Compreender as razões e os processos históricos e atuais que levaram a essas transformações, especialmente, do meio ambiente dentro da nossa aldeia indígena de Caarapó, pode ajudar. O Atlas pretende contribuir e auxiliar a enxergar melhor nosso lugar, as áreas conservadas e degradadas, as microbacias, construções, enfim, a ocupação e o uso dos espaços da nossa Aldeia. E, dessa forma, ajudando na compreensão das transformações ocorridas, contribuir, também, para encontrar formas de recuperar o que foi destruído e assim melhorar a vida na nossa Aldeia.

A TERRA INDÍGENA TE'YIKUE: ONDE FICA?

TEKUATY TE'YIKUE: KIPY OPYTA?

Quando pequenos, pensamos que o mundo é o que está ao alcance dos nossos olhos; o mundo é nossa família, nossa casa, nosso quintal. Com o passar do tempo, o mundo parece maior e passa a incluir, também, a nossa Aldeia, outras pessoas que conhecemos, outras casas, plantas e animais, outras regiões. Aprendemos, por nós mesmos e com a ajuda de outros, que o mundo se estende muito além dos nossos olhos. Existem pessoas além daquelas que vemos na nossa Aldeia, além dos “nossos patrícios”. Há outras terras, diferentes paisagens, outros povos que ali vivem. Só no Brasil são, ainda hoje, cerca de 200 povos indígenas diferentes. À medida que crescemos começamos a compreender que o mundo em que vivemos é o planeta Terra e que este é um espaço finito e que está dentro de um universo infinito e não completamente conhecido.

A Terra é muito grande, tão grande que não conseguiríamos conhecê-la a pé, mesmo se caminhássemos toda a vida. Mas, atualmente, existem meios que nos ajudam a andar mais rapidamente pelo mundo. Barcos, navios, carros e aviões podem nos levar a lugares bem distantes. Os livros, a televisão e o computador, também, permitem ver e acompanhar o que se passa ou existe em outros lugares.

Cada um de nós faz parte de um grupo e de um espaço que, por sua vez, faz parte de outros grupos de pessoas e espaços cada vez maiores. O espaço da nossa casa está dentro do limite da nossa Aldeia. A Aldeia está dentro de outros espaços que se sobrepõem. Cada um deles recebe um nome e tem um significado.

Assim, cada um de nós é uma pessoa, que pertence a um grupo familiar, que mora em uma casa. A casa, assim como a escola, está localizada dentro da nossa Aldeia Te'yikue, também conhecida como Terra Indígena de Caarapó. Esta é uma parte do Município de Caarapó, que é uma parte do Estado de Mato Grosso do Sul, que é parte de um país chamado Brasil, que é parte do Continente Americano, que é parte do Planeta Terra, nosso mundo.

O MUNDO VAI MUITO ALÉM DOS NOSSOS OLHOS ÑANDE YVY OHO MOMBYRYVEPEVE



Minha casa



Aldeia Te'yikue



Caarapó



Mato Grosso do Sul



Brasil



América do Sul



Continente Americano



Planeta Terra

MS



DE ONDE VIEMOS? KIPÝGUI JAJU?

Nós Kaiowá e Guaraní ocupávamos, historicamente, no Mato Grosso do Sul, um território amplo, situado entre o Rio Apa, Serra de Maracaju, Rio Brilhante, Rio Ivinhema, Rio Paraná e fronteira com o Paraguai. Agrupávamos, nesse território, especialmente em áreas de mata e ao longo dos córregos e rios, em pequenos núcleos populacionais integrados por uma, duas, ou mais famílias extensas, mantínhamos entre nós inúmeras relações de casamento, tendo à frente os chefes de família mais velhos, que denominávamos de *tekoharuvicha* (chefes de aldeia) ou *ñanderu* (nosso pai). A autoridade dos nossos líderes estava apoiada, principalmente, em seu prestígio decorrente de sua capacidade em atender as demandas da aldeia onde a sua parentagem constituía significativa parcela da população. Os diversos núcleos familiares eram relativamente autônomos.

Em 1882, o Governo Federal arrendou nosso território kaiowá e guarani à Companhia Matte Larangeira com a finalidade de exploração da erva-mate nativa. Utilizou, para isso, a mão-de-obra dos nossos antepassados, ou seja, do nosso povo. Ainda em pleno domínio desta Companhia, o Serviço de Proteção aos Índios-SPI demarcou, de 1915 até 1928, oito áreas de terra, denominadas de Reservas, totalizando 18.297 hectares, destinados a receberem as nossas famílias que viviam em toda a região acima indicada. Inicia-se, então, com o apoio direto dos órgãos oficiais, um processo sistemático de confinamento da nossa população dentro dessas terras demarcadas pelo SPI.

Com o desmatamento da região para implantação das fazendas de gado e das Colônias Agrícolas, em especial a Colônia Agrícola Nacional de Dourados-CAND - a partir da década de 1940, dezenas de nossas aldeias kaiowá e guarani tiveram de ser abandonadas para que suas terras fossem incorporadas pela colonização. A população dessas aldeias foi obrigada a se refugiar dentro das assim denominadas Reservas Indígenas. Por isso, hoje, a população da nossa Aldeia Te'yikue é constituída por famílias kaiowá e guarani/ñandeva - que vieram de diferentes regiões de um extenso território, que ultrapassa os limites do Brasil e penetra em terras especialmente do Paraguai.

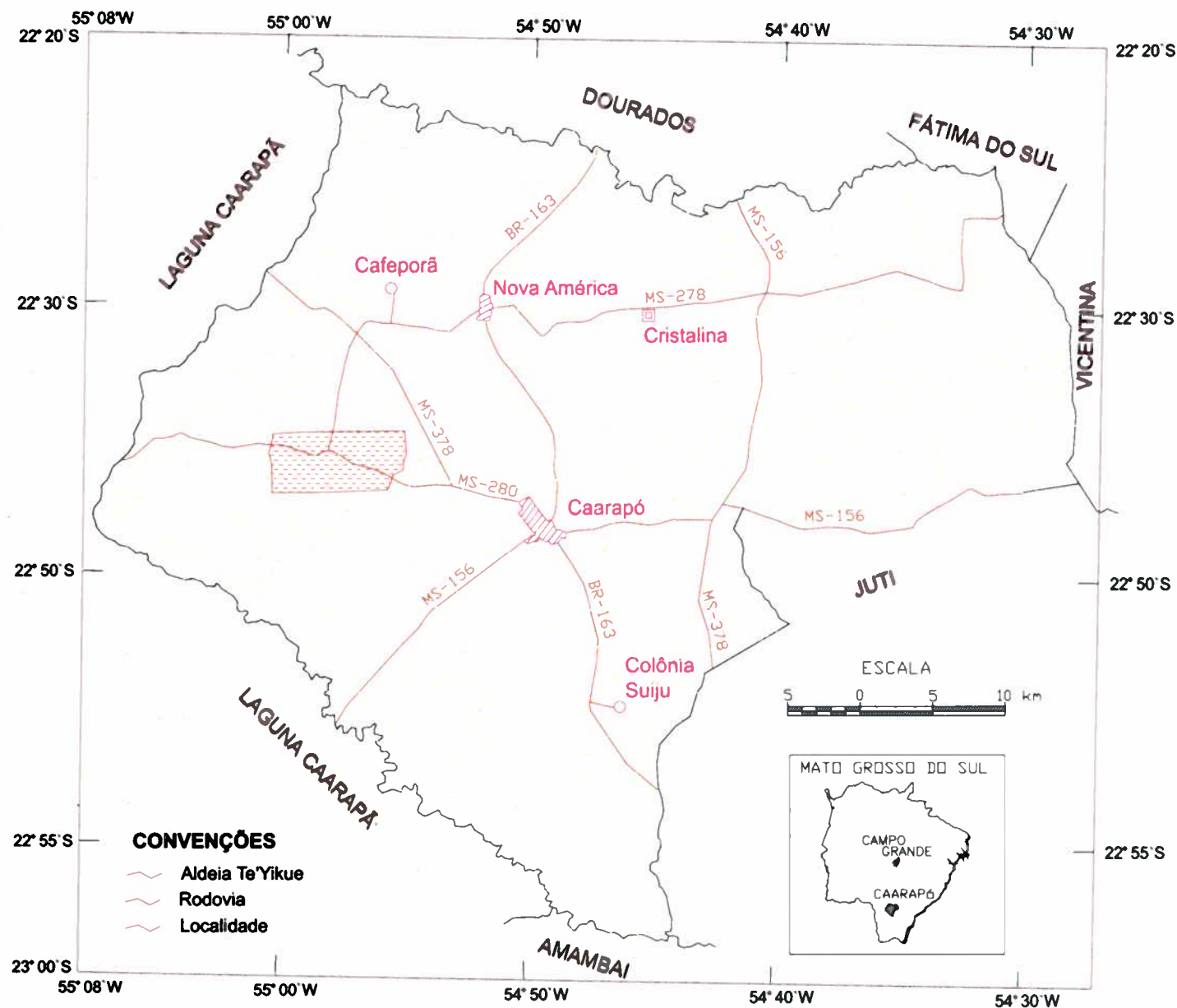
O TERRITÓRIO TRADICIONAL INDÍGENA GUARANI E KAIOWÁ

TEKUATY RUSU TE'YÍ GUARANI HA KAIOWÁ



ALDEIA TE'YIKUE MUNICÍPIO DE CAARAPÓ

TEKOHA TE'YIKUE



RESERVA INDÍGENA JOSÉ BONIFÁCIO À ALDEIA TE'YIKUE TEKOHÁ JOSÉ BONIFÁCIO HA TE'YIKUEPEVE

No dia 20 de novembro de 1924 foi criada, por Decreto do Presidente da República, a nossa Reserva Indígena José Bonifácio com 3.600 ha, um retângulo de 4 km por 9 km, localizada no município de Caarapó. Era um espaço delimitado em mapa, feito sobre um espaço que a natureza criou. A Reserva, atualmente Aldeia Te'yikue, tem hoje 3.594 ha, quase a mesma extensão de quando foi criada, porém, sofreu profundas transformações. Segundo os mais antigos da nossa comunidade, no começo não tinha mais do que 30 pessoas morando na Aldeia. Tudo era mato fechado, com muita caça e pesca. Dizem eles que usavam o fogo para preparar as roças e que havia muita união e respeito entre as pessoas. Os meninos eram ensinados pelos pais e as meninas pelas mães. Conviviam bem com os fazendeiros que ficavam próximos.

Com o passar dos anos, a população indígena foi aumentando. Os moradores de diversas aldeias próximas foram expulsos pelos fazendeiros, que ocuparam suas terras. Podemos lembrar aqui as aldeias de Takuára, Javevyry/São Lucas, Ypytã, Javorái, entre outras, cujas terras foram ocupadas. Seus moradores vieram para Te'yikue. Tinha muitos ervais nativos que foram, já na época da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, derrubados para dar lugar ao plantio. O mesmo aconteceu com os perobais e demais árvores importantes para a vida da nossa comunidade kaiowá e guarani. O trator tornou-se importante para ajudar no plantio, porém, o espaço para plantar e a qualidade das terras não permitem mais que as famílias sobrevivam do que plantam, tal como era antigamente.

Hoje tem pouca mata e quase não se vêem animais. Peixes só existem nas represas que foram construídas recentemente na Aldeia. O fogo, tão importante, para o preparo das roças, segundo os mais antigos, passou a ser um grave problema e responsável pelo desaparecimento dos restos de mata. A população aumentou muito, há muitas casas, estradas e caminhos que cortam a terra indígena em todas as direções. Surgiram escolas, o Posto da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, da Fundação Nacional da Saúde-FUNASA, do Centro de Referência da Assistência Social-CRAS.

Com o Serviço de Proteção ao Índio - SPI, vem a figura do capitão, depois vêm as igrejas, primeiro a Igreja Presbiteriana e a partir da década de 1970, muitas outras se instalam na aldeia, levando a conversão de muitos Guarani e Kaiowá à religião cristã, proibindo os costumes e a tradição. Os *Ñanderu*, tão importantes na história do nosso povo kaiowá e guarani, ficam cada vez mais fracos e sua sabedoria vai se perdendo.

Com o confinamento e o comprometimento da terra, das matas e da água, a agricultura se torna cada vez mais difícil. Para viver, resta como alternativa o trabalho assalariado. Especialmente, a partir de 1980, os homens passam meses distantes de suas famílias, trabalhando no plantio e na colheita da cana-de-açúcar, fazendo com que as novas gerações deixem de lado o trabalho da roça. Com a água dos córregos poluída vem como solução a água encanada. A energia elétrica e o fogão a gás tornam-se importantes para o dia-a-dia na aldeia trazendo mais conforto, porém fazendo desaparecer hábitos tradicionais e aumentando a necessidade, cada vez maior, da busca de dinheiro para a sobrevivência das famílias.

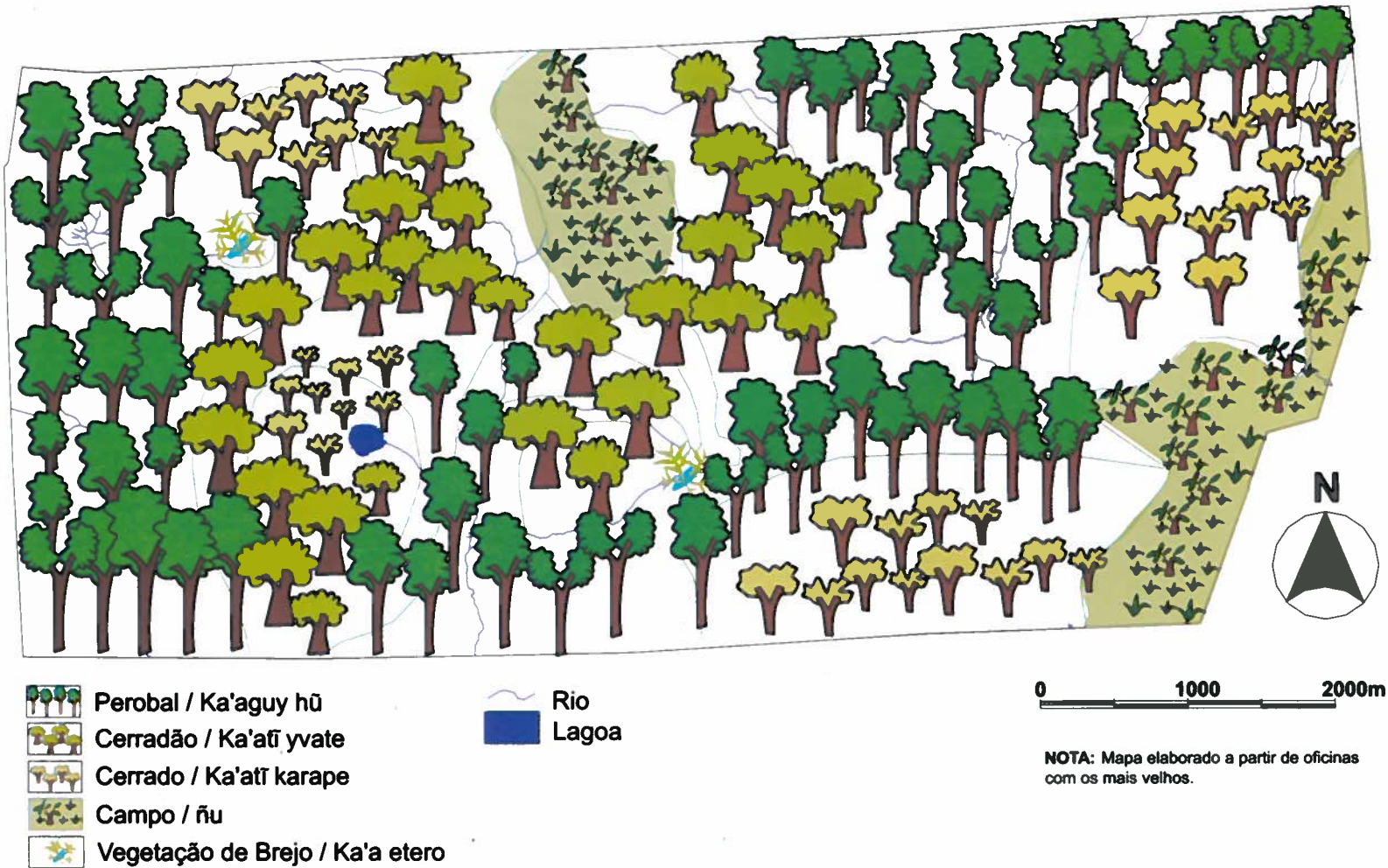
Mas, nos últimos anos, as lideranças e, especialmente, nós professores vimos realizando um importante trabalho para proteger e recuperar os recursos naturais da Aldeia. Diversas iniciativas foram realizadas. Mas muitas outras ainda precisam ser executadas. A experiência mostrou que um papel importante nesse esforço de proteger e recuperar recursos naturais cabe à escola, em especial a nós professores e alunos, e à sabedoria dos mais velhos.

Este quadro histórico contribuiu efetivamente para o enfraquecimento do modo de vida guarani e kaiowá. Os *Ñanderu*, principal autoridade religiosa guarani e kaiowá, ficaram cada vez mais fracos e a sua sabedoria vai se perdendo, diante da aproximação gradativa e estreita ao modo de vida não indígena.

A ALDEIA NA ÉPOCA DA CRIAÇÃO TEKOHÁ YMÃGUARE

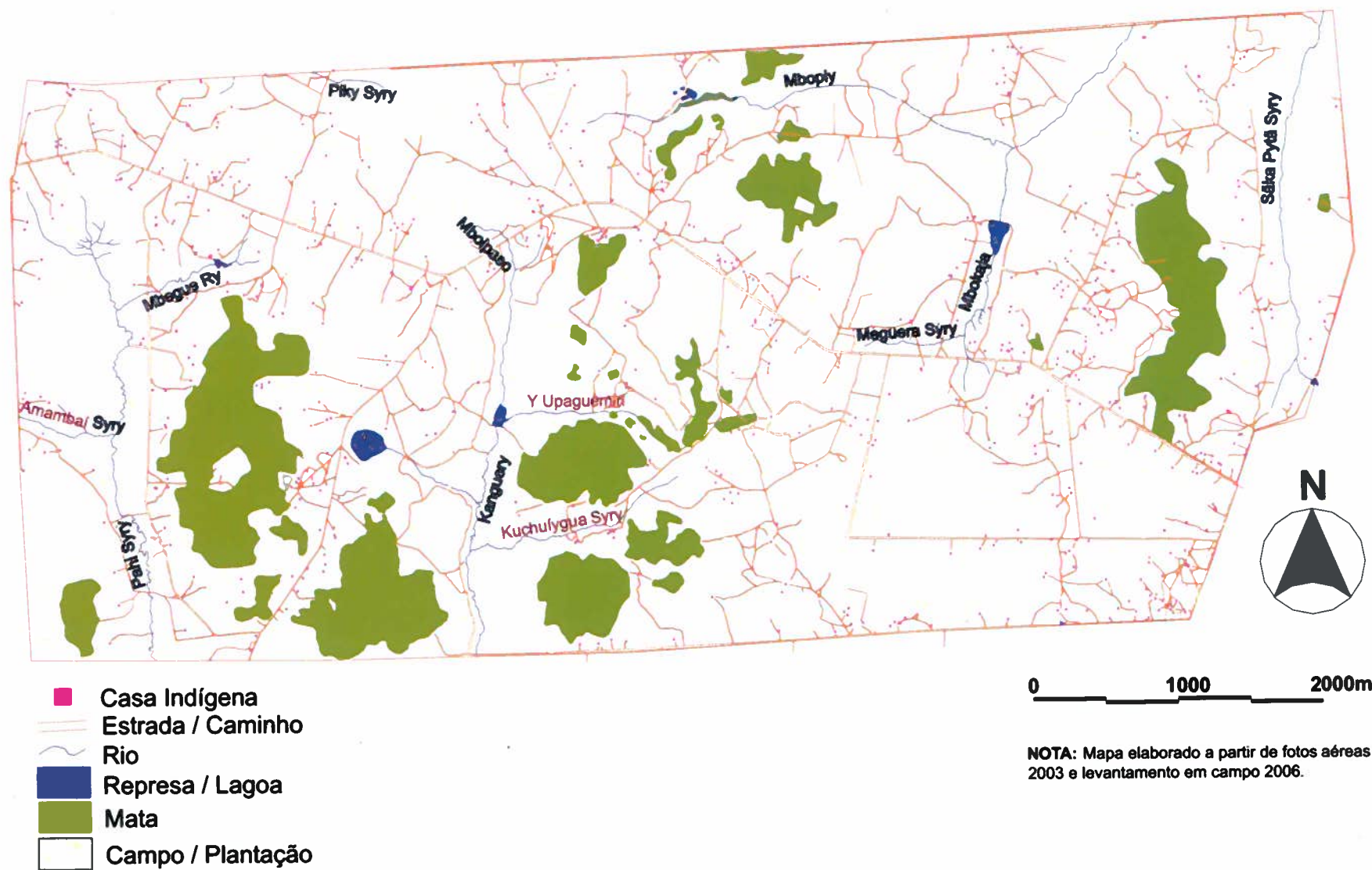


A ALDEIA NA ÉPOCA DA CRIAÇÃO TEKOHA YMÃGUARE



vegetação	principais espécies vegetais	Animais predominantes	Cultura tradicional indicada	Frutas nativas	Tipos de solo predominantes
Erval Ka'atĩ karape Ka'atĩ mais baixo Cerrado Ka'aty	Açoita cavalo (asoky'y); candeia (tatarẽ); canelão amarelo (karandi yva); canelão bosta (lavrel rekaka); capichingui (yvyra vevýi); erva mate (ka'a) jacaranda.(karanda)	Cotia (akuti); kuati; lobo guará (aguara hovy/aguara moro; Bem-te-vi; lobinho (aguara'i sa'yju); Abelha; Macaco (ka'i); Veado mateiro Tatu galinha (tatu hũ); Cobra (mbói); Pica-pau (Ypekũ pói pói/yppekũ akãguasú pytã, ypekũ sa'yju, ypekũ morotĩ, guiri, ypekũ'i, ypekũ'i akãpytã); Pomba; Papagaio (lorito); Jacu; Anu (ano); Arara kaninde; Arara (gua'a); periquito (marakanã, tuĩ, kyyri, saruma'e); Tucano do bico grande (tukã), Tucano do bico pequeno (arasari) .	Feijão catador; arroz da seca; amendoim; batata miudinha (jety asaĩ).	Pindo (mais baixo); jarakati'a; mbegue; jatobá; macamba; guavira; arasa'i; marmelo guasu.	Terra amarela Yvy sa'yju Yvyju
Campo Ñũ	Barbatimão (Lorito pysã); jacarandá (karanda); arasarã (goiabeira braba); ka'arã; pororoca.	Kuati; lobo guará (aguara hovy/aguara moro); lobinho (aguara'i sa'yju); Bem-te- vi; Coruja do campo; Abelha; Veado mateiro; Tatu galinha (tatu hũ); Cobra (mbói); Socó (kuarahy mimby); Anu (ano)	Kumanda puku; feijão catador; feijão de corda; amendoim.	Guavira; arasa'i; aratiku'i (pinha); pakuri'i; marmelo'i (asukarevire); ñandu apysa (parece com guavira); aguara ruguái (rabo de burro).	Terra branca Yvytĩ Yvy morotĩ
Vegetação de brejo Ka'a etéro	Kangorosarã, pororoca, ka'a vera,	Saracura (araku aña); Sapo (kururu); Abelha; Rã (ju'i); Capivara (kapi'yva); Tatu galinha (tatu hũ); Cobra (mbói); Socó (kuarahy mimby)		Ingá; mbegue (guaimbé)	Terra preta Yvy hũ

A ALDEIA HOJE TEKOHA KO'ANGAGUA



REGIÕES DA ALDEIA SEGUNDO OS MAIS VELHOS

MBOJA'OPY TEKOHÁ RYEPÝPE ITUJAVÉA ARANDÚPE

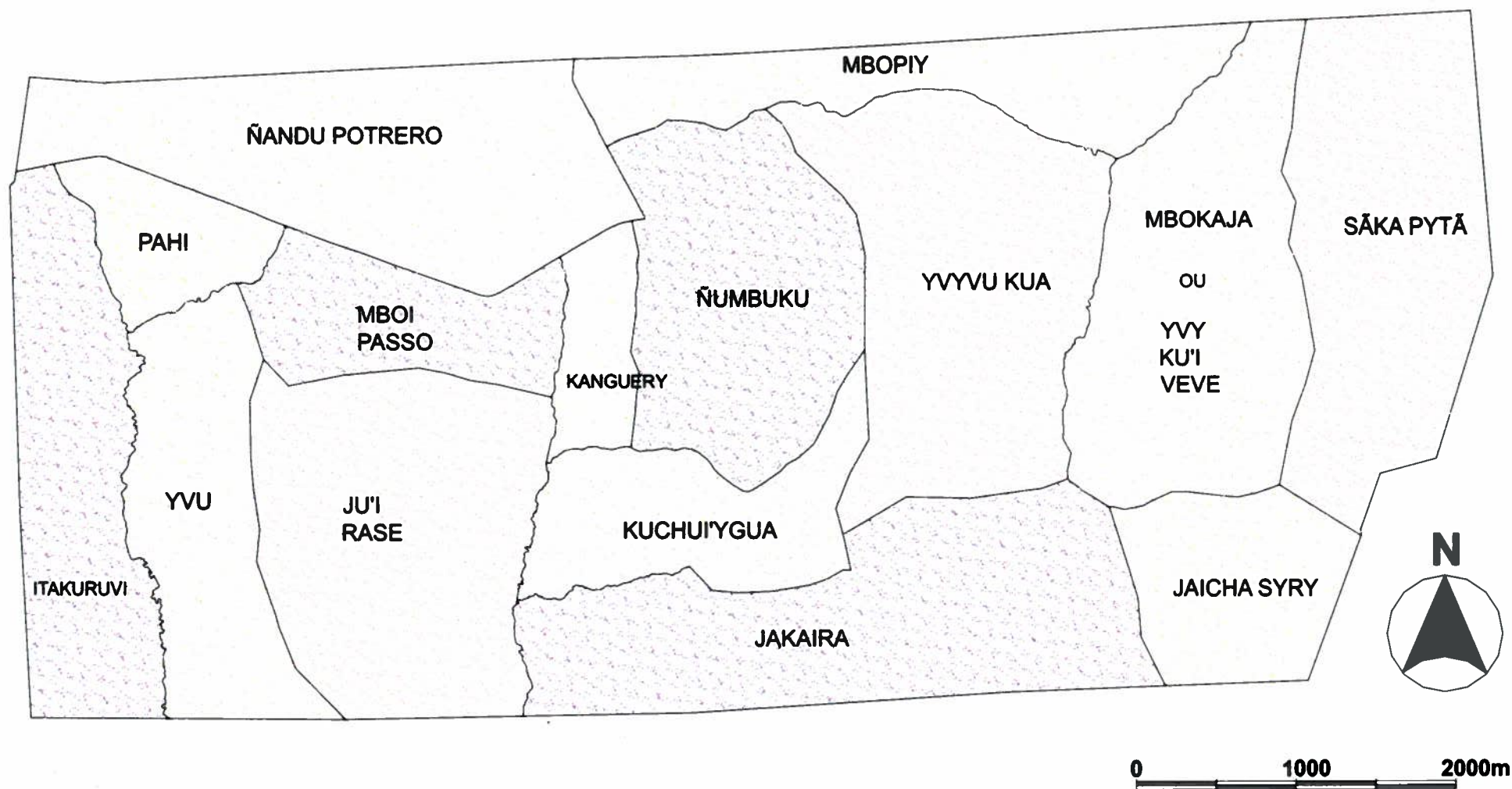
A partir da chegada dos primeiros moradores partes da Aldeia começaram a receber denominações com o referenciais para a localização interna, resultando em regiões:

- **Sãka Pytã** - Foi assim denominada por ter uma enorme voçoroca, numa nascente da região, conhecida como Voçoroca Vermelha.
- **Yvyku'i Veve/Mbokaja** - Antigamente, numa cabeceira tinha uma mina d'água que jogava areia para cima quase meio metro. Por isso o morador chamou a região de “yvyku'i veve-areiaquevoa”. Como passar dos anos passou a chamar de “mbokaja, coqueiro”, porque tinha muito coqueiro na região.
- **Jaicha Syry** - Antigamente a Aldeia Te'yíkue era cheia de mato e tinha muitos animais silvestres. Nesta região da Aldeia tinha muita paca e toda vez que as pessoas iam caçar, as pacassaiam da toca e iam direto cair no córrego. Por isso, as pessoas chamavam a região de “jaicha syry-córrego da paca”.
- **Jakaira** - antigamente, quando a comunidade guarani e kaiowá morava ainda em família extensa, nessa região morava uma família que tinha uma grande casa de reza, onde todos os anos faziam a cerimônia do milho branco, “Jerosy”, batismo do milho”. “Jakaira” para o Guarani e Kaiowá é o “dono do milho”. Por isso, a região foi denominada com esse nome.
- **Yryvu Kua** - Muito tempo atrás, todos os anos um urubu fazia o seu ninho no mesmo buraco de um tronco de uma árvore. Com isso a comunidade denominou a região de “yryvu kua, buraco do urubu”.
- **Mbopiy** - Contam que antigamente tinha um buraco enorme nessa região onde viviam muitos morcegos. Certo dia caiu um raio no buraco, matou todos os morcegos e fez brotar uma nascente de água. Por isso a comunidade passou a chamar a região de “mbopiy, córrego do morcego”.

- **Ñumbuku** - No início da ocupação da Reserva, a comunidade encontrou no centro da Aldeia um espaço aberto, ou seja, vegetação mais baixa, que é o campo. Por isso, passaram a denominar a região de “ñumbuku, campo extenso”.
- **Kuchui Ygua** - Quando a aldeia era coberta de mata, numa nascente os pássaros, como papagaios, periquitos, guoiatos e araras entre outros, desciam para beber e tomar banho. Por isso a comunidade chamou a região de “kuchui ygua, bebedouro dos pássaros”.
- **Kanguery** - Contam que os antigos feiticeiros usavam o córrego desta região para jogar ossos de pessoas que eles retiravam do cemitério para se protegerem de feitiços. Assim, o córrego e a região passaram a ser chamados de “kanguery, córrego dos ossos”.
- **Ju'i Rasẽ** - Uma pequena lagoa, com a estiagem veio a secar. Depois de muito tempo choveu tanto que a lagoa começou a encher novamente. De emoção as rãs choraram por muitos dias, e a comunidade passou a chamar a região de “ju'i rasẽ, choro da rã”.
- **Mbói Passo** - Antigamente não tinha rodovia, era apenas um corredor que cortava a mata da Aldeia, que ligava Caarapó a Ponta Porã. Num dia várias cobras, umas sobre as outras, tomaram o caminho de um trecho do corredor, levando algum tempo para terminar de passar pelo corredor. Assim, a comunidade passou a chamar essa região de “mbói passo, passo da cobra”.
- **Ñandu Potrero** - Há muito tempo atrás na Aldeia tinha um lugar em que as emas se reuniam para descansar, alimentar e dormir. O local era um campo aberto. Por isso, a comunidade chamou de “ñandu potrero, potrero de ema”.
- **Pahĩ** - Antes da construção da rodovia, o corredor para ligar Caarapó a Ponta Porã passava por um trecho de banhado. As árvores nesta extensão foram colocados troncos, lado a lado, sucessivamente, até atravessar o banhado. Esse arranjo é chamado de “pahĩ”, nome dado à região.
- **Yvu** - No início da ocupação desta região foram encontradas várias nascentes de água. Por isso, a região foi denominada de “Yvu, nascente”.
- **Itakuruvi** - Muito tempo atrás a região era cheia de pedra, que a comunidade utilizava para amolar as ferramentas, como facas e outras. Por esse motivo, a região ficou conhecida como “itakuruvi, pedra que amola”.

REGIÕES DA ALDEIA SEGUNDO OS MAIS VELHOS

MBOJA'OPY TEKOKHA RYEPÝPE ITUJAVÉA ARANDÚPE



NOTA: Mapa elaborado a partir de oficinas com os moradores mais velhos

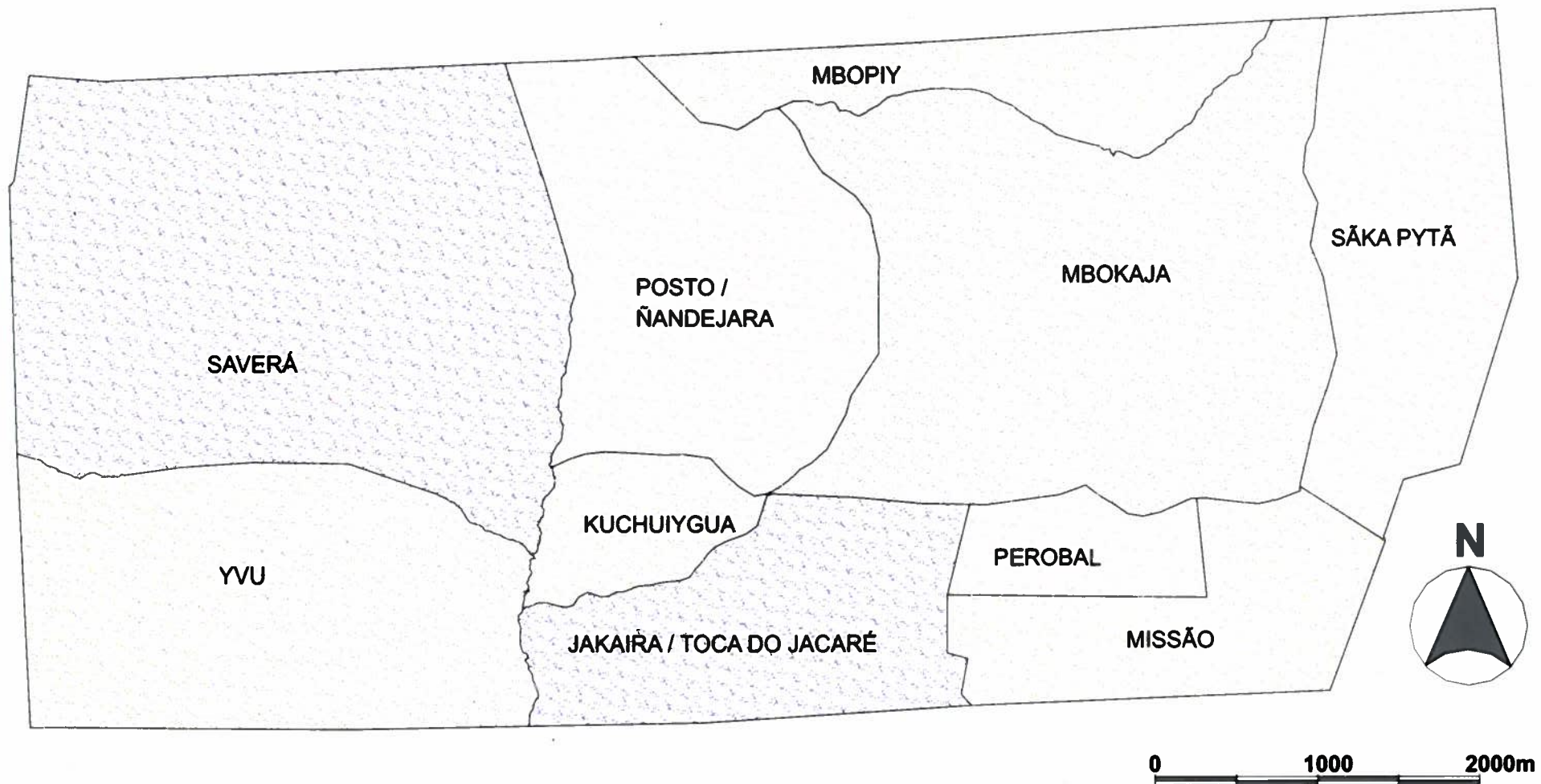
REGIÕES DA ALDEIA ATUALMENTE

KO'ÁNGAGUA ÑEMBOJA'OPY TEKOHÁ RYEPÝPE

Com o passar dos anos, a ocupação das regiões se modificou, pela retirada da mata, pela abertura de novas roças e cam principalmente pelo aumento da população. Alguns nomes de regiões permanecem, como Sãka Pytã, Mbokaja, Mbopiy, K Ygua e Yvu, porém, sua abrangência foi modificada e novos nomes e regiões surgiram:

- **Saverá** - a oeste, ao lado da Aldeia, na fazenda Santa Maria, tem uma lagoa próxima à divisa, que de longe a população da enxerga o seu brilho. Por isso, a comunidade passou a chamar a região de "saverá, sa - olhos, verá - brilho, olhos brilhando".
- **Toca do Jacaré** - a comunidade denominou a região com esse nome, porque ao lado da região, ao sul, fica a fazenda Toca do e a comunidade usa esta como referência.
- **Posto/ Ñandejara** - a comunidade denomina a região como Posto, porque aí se localiza o Posto da Fundação Nacional do FUNAI. Aos poucos alguns já chamam de Ñandejara por causa da escola que tomam como principal ponto de referência.
- **Perobal** - a comunidade da região a chama por esse nome, por ter sido o lugar da peroba.
- **Missão** - depois da instalação da igreja da Missão Evangélica Caiuá, ao lado da região, a comunidade a usa como referi passou a denominar a região de missão.

REGIÕES DA ALDEIA ATUALMENTE KO'ÁNGAGUA ÑEMBOJA'O TEKOKA RYEPÝPE



NOTA: Mapa elaborado a partir de oficinas
com as lideranças atuais.

OS SOLOS DA ALDEIA YVY TEKOKHA



- Terra Preta = yvy hũ
- Terra Vermelha = yvy pytã
- Terra Vermelha e Amarela = yvy pytãju
- Terra Amarela = yvy sa'yju
- Terra Branca = yvy moroti

0 1000 2000m

NOTA: Mapa elaborado a partir de oficinas
com os mais velhos.

SOLOS E PRINCIPAIS CULTIVOS

YVY HA TEMITỸ

- **TERRA VERMELHA - YVY PYTÃ**

Principais cultivos: Milho branco (avati morotĩ); amarelão (avati sa'yju guasu) e amarelinho (avati sa'yju'i); cana (takuare'ẽ), banana, mamão, taioba (tajavo); batata miudinha; batata grande; abóbora; arroz; feijão; manteka, amendoinzão, pipoca, porongo.

- **TERRA VERMELHA AMARELA - YVY PYTÃJU**

Principais cultivos: milho branco (avati morotĩ), amarelão (avati sa'yju guasu) e amarelinho (avati sa'yju'i); mandioca; kara, batata miudinha, batata grande; batata branca, batata roxa, abóbora; arroz; feijão; manteka; amendoinzão.

- **TERRA AMARELA - YVY SA'YJU - YVYJU**

Principais cultivos: Feijão catador; arroz da seca; amendoim vermelho; batata (jety asa'ĩ), milho (restrito).

- **TERRA BRANCA - YVYTĨ - YVY MOROTĨ** - Principais cultivos: Kumanda puku; feijão catador; feijão de corda; amendoim.

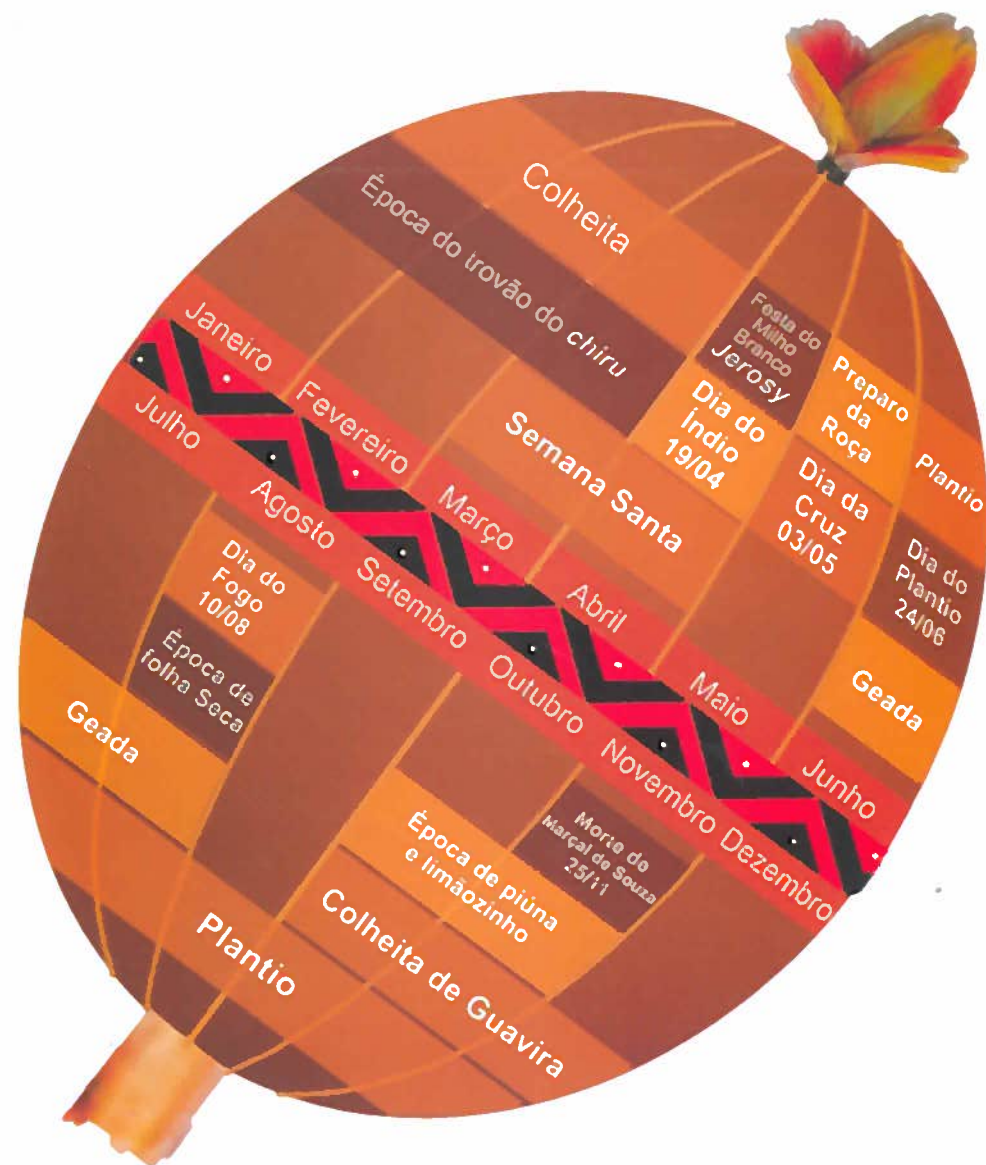
- **TERRA PRETA - YVY HŨ**

Principais cultivos: feijão preto, arroz, melancia, milho saboró, amendoim preto, amendoim cavalo.

IMAGEM DE SATÉLITE DA ALDEIA TEKOH RA'ANCA



CALENDÁRIO AGRÍCOLA E DE FESTIVIDADES KOKUE ÁRA HA ARETE



A ALDEIA QUE QUEREMOS TEKOKA OROIPOTÁVA

As ações de educação e recuperação ambiental na aldeia Te'yikue, desenvolvidas desde 1997, com a implantação da educação escolar indígena, teve papel fundamental na mudança de postura e atitudes da comunidade indígena em relação ao meio ambiente.

As atividades da escola indígena sempre foram pautadas na reflexão e discussão sobre a qualidade de vida na aldeia a partir da conscientização e recuperação do meio ambiente e colocando a comunidade como protagonista neste processo. Assim, na questão ambiental a escola tem trabalhado em duas frentes: a educação e a participação em ações concretas de recuperação ambiental em lugares estratégicos da aldeia.

Esta atitude da escola, junto com a liderança, foi gradativamente conquistando a comunidade, aumentando o interesse na recuperação ambiental e na formação contínua das crianças, adolescentes e comunidade, bem como no envolvimento nas discussões sobre a temática.

Assim, o que se busca no futuro próximo é a formação da comunidade para a busca de melhores formas de usufruir, de maneira sustentável, dos recursos naturais, além de construir modelos de recuperação ambiental a partir do valor cultural guarani e kaiowá.

Por outro lado, é necessário informar a sociedade não indígena que a comunidade guarani e kaiowá, por princípio, tem o respeito pelo meio ambiente, fato que fortalece a retomada de nossas terras tradicionais, que estão degradadas pelos grandes latifúndios e que precisam de recuperação.

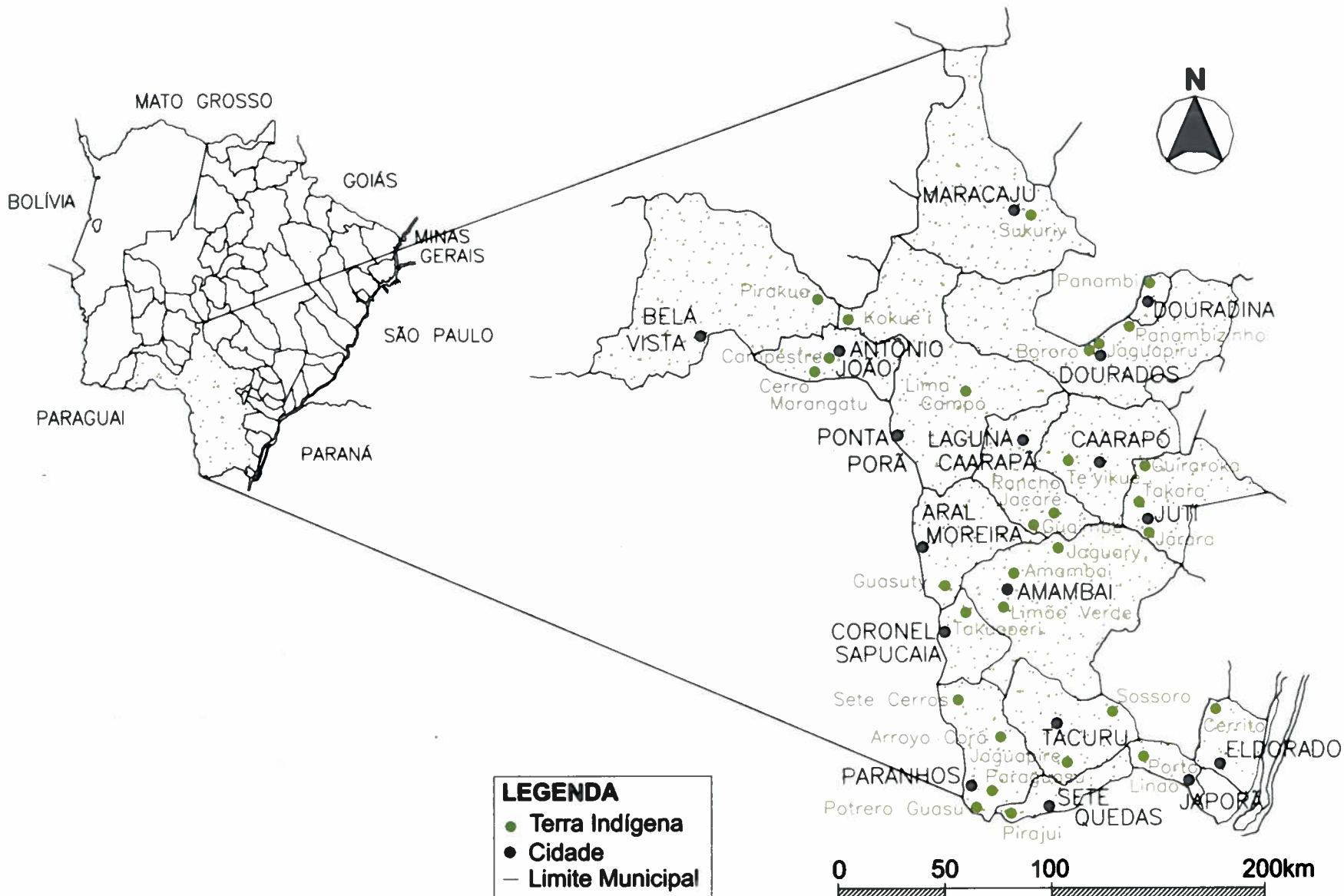
Além da urgência na recuperação da mata ciliar, que é o plantio de espécies nativas nas margens dos cursos d'água para protegê-los, também é importante promover a criação de corredores ecológicos, que, segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação, significa “porções de ecossistemas naturais ou seminaturais, ligando unidades de conservação, que possibilitam entre elas o fluxo de genes e o movimento da biota, facilitando a dispersão de espécies e a recolonização de áreas degradadas, bem como a manutenção de populações que demandam para sua sobrevivência áreas com extensão maior do que aquela das unidades individuais”, ou seja, de forma simplificada seria o reflorestamento de áreas que irão interligar nascentes, matas ciliares e os remanescentes de matas para permitir a sobrevivência dos seres que dependem deste ambiente.

A ALDEIA QUE QUEREMOS TEKOHÁ OROIPOTÁVA



NOTA: Mapa elaborado a partir de oficina
com professores e alunos da aldeia.

OÏVE AMBUE TEKOKHA GUARANI HA KAIOWÁ MATOGROSSODOSULPE



A PRESENÇA DE OUTRAS ETNIAS NO MATO GROSSO DO SUL

OÏVE AMBUE AVA MATOGROSSODOSULPE

